

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

**Planejamento e Utilização do Espaço Turístico Visando Sustentabilidade**

Trabalho apresentado ao GT “05” Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

<sup>2</sup>STURION, Leonardo. Prof: Dr. do Curso de Turismo com Ênfase em Hotelaria da Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, e-mail [sturion09@yahoo.com.br](mailto:sturion09@yahoo.com.br).

<sup>3</sup>MONTEIRO, Vassallo, Simone. Prof(a) Ms. Curso Superior de Tecnologia em Turismo/Tecnologia de Gestão em Turismo – EaD, da Universidade Norte do Paraná – UNOPAR e-mail: [simone@unopar.br](mailto:simone@unopar.br).

<sup>4</sup>STURION, Moema Cristina de Oliveira Chueire. Prof(a) Esp. De História do Colégio Maxi de Londrina –PR. e-mail [moemacris@gmail.com](mailto:moemacris@gmail.com).

**Resumo**

A adequação de um espaço turístico torna-se a cada dia uma questão de suma importância para a sociedade que nele vive para que as relações que nele se fazem presentes sejam harmoniosas e produtivas e atendam aos anseios daqueles que usufruem desse espaço. As organizações dos espaços turísticos necessitam de uma profunda reflexão, levando em consideração vários aspectos como a: preservação e a conservação dos elementos constituintes desse espaço para que a sustentabilidade dos elementos naturais, culturais e históricos se tornem referências para os visitantes e autóctones. Esse estudo pretende mostrar a relevância dos elementos que integram um determinado espaço turístico por meio de um estudo em fontes secundárias que possibilitam uma visão sistêmica do espaço e da sociedade dando-lhe caráter próprio.

**Palavras-Chave:** espaço turístico, paisagem, sociedade e sustentabilidade.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

<sup>2</sup> STURION Leonardo Prof: Dr.em Engenharia de Produção pela UFSC. Professor do Curso de Turismo com Ênfase em Hotelaria da UNOPAR das disciplinas de Metodologia Científica e Estatística, Prof: do Curso de Gestão em Turismo e Hospitalidade do EAD – UNOPAR. Área de pesquisa Educação, Meio Ambiente e Controle de Qualidade. Prof: dos Cursos de Mestrado em Odontologia, Tecnologia do Leite e Patologia Experimental.

<sup>3</sup> Simone Vassallo Monteiro, graduada em Turismo pelo Centro Universitário Plínio Leite – UNIPLI, Niterói-RJ; Mestre em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, Balneário Camboriú, SC; professora e coordenadora do Curso Superior de Tecnologia em Turismo / Gestão de Turismo – EaD, da Universidade Norte do Paraná – UNOPAR, Londrina, PR.

<sup>4</sup> STURION, Moema Cristina Chueire. Graduada em História pela Universidade Estadual de Londrina-UEL. Especialista em história do Brasil pela UEL. Professora de história do Colégio Maxi.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008

## 1 INTRODUÇÃO

A década de 1970 trouxe profundas mudanças causadas pela crise mundial do petróleo e a recessão do sistema capitalista fazendo com que fosse necessário reestruturar a economia e reajustar o campo social e político (HARVEY, 1992). Essa nova forma econômica, que primou pela velocidade da/informação e a flexibilidade do capital, favoreceu um novo modo de produção onde o conhecimento é o maior “bem”, proporcionando maior apropriação do tempo e do espaço pelo homem, o que é reforçado por Santos (1997), quando afirma que os modos de produção imprimem marcas no espaço, as quais permitem formar a base para se pensar a sociedade.

## 2 ABORDAGEM ESPACIAL E TURISMO

No período pós-guerra, mais propriamente a partir de 1950, o lazer e o turismo vão ganhar força servindo-se das tecnologias desenvolvidas durante a II Grande Guerra e pela progressiva consolidação de uma classe emergente, assalariada e com tempo livre para dispor que, segundo Trigo, “não é o resultado de uma decisão do indivíduo; é principalmente, o resultado de uma evolução da economia e da sociedade”(1998, p.14). O lazer passa a ter “valor” e “ser direito” social com finalidade de auto-satisfação. Compreende-se, então, que o lazer e, dentro desse o turismo, passam a fazer parte dos bens de produção e consumo da sociedade moderna, com poder de compra e baseada em uma economia de massa.

Em 1973, a recessão, “exacerbada” pela crise mundial do petróleo, fez com que houvesse uma “reestruturação econômica [e um] reajustamento social e político”, nas décadas de 70 e 80 (HARVEY, 1992, p. 140). “Essas mudanças vão trazer flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo (*ibidem*). Esses processos inovadores representaram, entre outros, o crescimento do setor de serviços – onde está inserido o turismo - ,o aparecimento de uma classe média e dos *yuppies*.

Tendo o Turismo, sua participação consolidada na economia da maioria dos países – processo

---

<sup>5</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

**V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)**  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

esse que se desenvolve desde a década de 1950, como visto –, muitos modelos de planejamento com diferentes enfoques, como por exemplo, o econômico, o estratégico, o espacial, foram desenvolvidos. No entanto, como um dos primeiros enfoques destaca-se o espacial, pois, a partir do momento em que o turismo surge como força econômica “passa também a ditar o reordenamento dos territórios para que a atividade ocorra (CRUZ, 2001, p.7)”. Esse fato se dá em função do produto turístico ser estático fazendo com que o consumidor/turista tenha que se deslocar até ele o que, também, constitui uma de suas características. Nesse contexto, torna-se implícita a necessidade de organização de objetos e ações que são próprios dos lugares turísticos.

Segundo Cruz (2001),

“A importância do turismo reside menos nas suas estatísticas que mostram, parcialmente, seu significado e mais na sua incontestável capacidade de organizar sociedades inteiras e de condicionar o (re)ordenamento de territórios para a sua realização”. (CRUZ, 2001, p.9)

O enfoque espacial, no planejamento turístico, foi privilegiado durante a década de 1960, na Europa, em virtude do crescente fluxo turístico massivo e por ser o turismo, à época, tratado como fenômeno local.

A importância do espaço para o turismo, pois é onde a atividade ocorre, e o crescente consumo deste, fez com que o conceito de sustentabilidade fosse incluído no planejamento da atividade turística.. Esse conceito não se restringe à questão espacial/ambiental, mas, também, às questões sociais, históricas e culturais. O paradigma da sustentabilidade pretende garantir não somente o direito das gerações vindouras quanto ao usufruto dos recursos naturais, mas garantir fonte de renda para as localidades e comunidades turísticas pela preservação e/ou conservação do seu conjunto patrimonial onde, segundo Ruschmann (1997), encontrar o ponto de equilíbrio entre os diversos atores do turismo e seus interesses, é questão abrangente e complexa.

---

<sup>6</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Para o turismo, a sustentabilidade é condição *sine qua non*, visto que, a base da alimentação da atividade reside na qualidade e atratividade de seus produtos. Para tanto, desenvolver o turismo sustentável implica prevenir impactos por meio de gestão que englobe o meio ambiente urbano e natural, com seus elementos históricos, culturais e de biodiversidade e comunidades receptoras.

Por essa breve abordagem, é possível observar como o turismo intervém no espaço e na paisagem e como esta é relevante para a atividade. Para Cruz, a paisagem “é a porção visível do espaço geográfico”(2001, p.57). Porém, no espaço intervêm tanto os objetos naturais como os sociais<sup>8</sup> e, assim, são construídas as paisagens as quais, dependendo do momento social, terão valor turístico podendo ser acrescidas de equipamentos próprios para a ocorrência da atividade influenciando na construção da paisagem.

## **2.1 Turismo e paisagem**

Segundo Cruz, “As paisagens turísticas derivam da valorização cultural de determinados aspectos das paisagens, de modo geral, e, nesse sentido, toda paisagem pode ser turística”(2001, p.17).

Segundo Boullón, paisagem é:

“uma qualidade estética que os diferentes elementos de um espaço físico adquirem apenas quando o homem surge como observador, animado de uma atitude contemplativa dirigida a captar suas propriedades externas, seu aspecto, seu caráter e outras particularidades que permitam apreciar sua beleza ou feiúra” (2002, p. 120-121).

Amparando esta definição, o autor coloca que esta apreensão ou idéia da realidade, depende da presença do homem intervindo como observador sensível para que o sentido estético seja revelado (*id. ibid*). Podemos entender este raciocínio ao observarmos os diversos atores que percorrem ou utilizam uma mesma porção geográfica embora de formas, funções e ações temporais diferentes (*id. Ibid*).

---

<sup>7</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

<sup>8</sup> De acordo com Milton Santos, os objetos naturais, “não são obra do homem nem jamais foram tocados por ele” e os objetos sociais são “testemunhas do trabalho humano no passado como no presente (1978, p. 37)

V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Tomando, como exemplo, uma pessoa que trabalhe em um edifício de arquitetura singular ou mesmo em local de natureza privilegiada, conforme o olhar do observador ou, em função da sua predisposição, este deverá obter da paisagem uma visão que “varie entre a estética, a utilitária ou a indiferente” (*id. Ibid*).

A forma pela qual o homem se apropria do espaço ou o deixa em seu estado natural concede paisagens diferentes que, adotando um enfoque visual, segundo Petroni e Kenigsberg (*Apud BOULLÓN, 2002, p. 118*), são:

*“Paisagem natural:* conjunto de caracteres físicos visíveis de um lugar que não foi modificado pelo homem.

*Paisagem cultural:* paisagem modificada pela presença e atividade do homem (lavouras, diques, cidades etc.).

*Paisagem urbana:* conjunto de elementos plásticos naturais e artificiais que compõem a cidade: colinas, rios, ruas, praças, árvores, focos de luz, anúncios, semáforos etc”.

Para Boullón (2002), no entanto, a definição de paisagem dada pelos autores acima não se justifica por considerar paisagem natural correspondente à paisagem da natureza virgem e por considerar inclusa a paisagem cultural (que para o autor também é uma forma de paisagem natural) na paisagem urbana maneira pela qual analisaremos os atrativos, ou seja, segundo a tipificação natural ou urbana.

A palavra “paisagem”, de origem anglo-saxônica, pode ser definida como “o domínio do visível ou de tudo aquilo que a visão abarca” (Santos, *apud*: PIRES, 2003, p. 52). No entanto, não basta apenas que se tenha uma paisagem singular ou exuberante. Para a atividade turística é importante que as qualidades visuais da paisagem estejam mantidas evitando-se ou reparando-se a presença de elementos detratores que causam diminuição da qualidade visual ou intrusões paisagísticas. Como observa Boullón, há necessidade de se atentar à plástica da paisagem dando o real enfoque que pretende o turismo que é, segundo ele, o de ser “fator impulsor do desenvolvimento cultural dos povos” e não apenas utilizar-se da paisagem

---

<sup>9</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

V Semi<sup>10</sup>nário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

como matéria-prima que é para a atividade, “sem maiores reparos”, inferindo no paradigma de atividade sustentável (2002, p. 122).

Embora a paisagem seja concreta, condicionada por vários fatores relacionados com o *criptossistema*<sup>11</sup> e com as transformações efetuadas por diferentes culturas, a percepção que se tem desta é própria de cada indivíduo pelo significado que este lhe atribui segundo estética, utilidade ou a indiferença (BOULLÓN, 2002), sendo a percepção o “significado que atribuímos às informações recebidas pelos nossos sentidos, na forma de sensações” (Machado, 1988 *apud*: PIRES, 2003, p. 48, grifo do autor).

Desta forma, sendo as paisagens apreensões subjetivas da realidade estas são capazes, além do sentido de estética, beleza, dada pela visão, de imprimir significados por meio de outros sentidos como o olfato, o tato, a audição, as sensações térmicas dentre outras (PIRES, 2003; BOULLÓN, 2002).

Segundo Cruz, as paisagens turísticas não são paisagens específicas, mas aquelas que adquirem um caráter social próprio, pois “derivam da valorização cultural de determinados espaços”, as quais estão contidas no espaço ao mesmo tempo em que os contém e, em função das quais, se formam estruturas para a sua utilização pelo turismo (2001, p. 17).

Assim, “Acrescida de significado, a paisagem forma o espaço”, que é o resultado da interferência da sociedade por meio da construção de redes de relacionamentos, as quais, além de se utilizarem do “espaço”, envolvem diversos atores (*ibidem*, p. 17). Não sendo este sistema devidamente coordenado, direcionado e monitorado, este poderá causar danos não apenas ao meio ambiente virgem, mas a outros elementos do sistema.

## **2.2 Dialética: espaço e funcionalidade**

O conhecimento trouxe, à luz, a constatação de que o todo é formado por fragmentos que se inter-relacionam e interagem formando um sistema onde privilegiar apenas uma variável ou categoria, isoladamente, ou pela combinação de pares, seria negligenciar o todo, assim como, tomar o todo como superior às partes, levaria à falsa totalidade causada pela indiferença aos

<sup>10</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

<sup>11</sup> Criptossistema “são os fatores que moldam ou favorecem tudo que está na superfície da Terra.” Definição dada pelo Prof. Dr. Paulo dos Santos Pires, na disciplina Bases Ecológicas do Turismo, ministrado no Curso de Mestrado de Turismo e Hotelaria da UNIVALI, em 2003.

V Semi<sup>12</sup>nário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

fatos. Seria privar o concreto da sua total/real dialética (KOSIK, 1976; SANTOS, 1997). A dialética, segundo Kosik, “trata da ‘coisa em si’” (1976, p.13). Contudo, a “coisa em si” não é o imediato, não é o fenômeno. Para compreendê-la é necessário buscar desvios pois, *talvez*, a essência possa encontrar-se em uma outra realidade (KOSIK, 1976). Pode-se apreender, portanto, que para a compreensão da organização e evolução da sociedade e no espaço, será necessário, como afirma Santos, interpretar o processo dialético, ou seja, as transformações sofridas sejam pela ação do homem sobre o meio ou do meio sobre o homem, utilizando-se da análise das quatro categorias, através do tempo, e que sendo um processo dinâmico, deixa impresso, na paisagem, por meio de objetos sociais, verdadeiros legados que revelam diferentes processos históricos<sup>13</sup>, verdadeiras testemunhas do passado e outras do presente pois, como já dito, é um processo dinâmico, o que, por si mesmo, significa retroalimentação (SANTOS, 1997; 1978).

Os objetos sociais que permanecem no espaço não permanecem, necessariamente, cumprindo as mesmas funções para as quais foram, originariamente, construídos. De acordo com a mudança ou novas necessidades sociais, o homem pode atribuir-lhes novas funções ou, simplesmente, extingui-las. No entanto, a necessidade de criar, cada vez mais, novas formas, faz com que o espaço se enrijeça (SANTOS, 1997). Essa constatação/fato, nos remete ao que Santos (1978), chama de *múltiplas determinações*.

Mas não é apenas o homem que intervém no processo histórico. O espaço não é algo inerte, *neutro*, que tem sua existência como um receptáculo passivo às inscrições sociais, um pano de fundo. Nesse contexto, Santos critica autores como Campanella<sup>14</sup>, Moore<sup>15</sup>, entre outros. Porém, concorda com Durkheim e Kosik por considerarem o espaço um *fato social* com ações e reações à parte do indivíduo ou da sociedade (SANTOS, 2002). Ainda para o autor, “o espaço é um objeto social” e, como tal, “pode ser apreendido sobe múltiplas pseudoconcreções [o que] de nenhuma forma o esvazia de sua realidade objetiva” (SANTOS, 2002, p.161).

---

<sup>12</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

<sup>13</sup> “A produção se impõe invariavelmente com um certo ritmo, e os períodos históricos (que não passam de um outro nome para a história da produção ou da divisão do trabalho) transformam a organização espacial” (SANTOS, 1997, p. 49).

<sup>14</sup> “Campanella considera que Deus criou o espaço como uma ‘capacidade’, um receptáculo para os corpos” (SANTOS, 2002, p. 158).

<sup>15</sup> Para Moore, “somente o tempo é intrinsecamente dinâmico e o espaço não teria qualidades dinâmicas não fossem as mudanças dos valores sociais, dos interesses e das técnicas sociais” (SANTOS, 2002, p.158).

V Semi<sup>16</sup>nário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

Assim, sendo o espaço social um objeto social, torna-se passível de uma análise por meio das categorias de forma, função, estrutura e processo que não devem ser interpretadas separadamente, se deseja obter a totalidade, visto que, os lugares “são combinações localizadas de variáveis sociais” (SANTOS, 1978, p.40).

Temos, portanto, que a forma é algo tornado visível e disposto de certo modo que, em determinado tempo foi, ou é, parte de um modelo onde uma determinada atividade/função é exercida pela necessidade existente de uma estrutura social permeada por um processo/ação contínuo de ação e reação (SANTOS, 1997).

### **3. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como visto, não é possível compreender o espaço sem compreender a sociedade que nele vive e vice-versa. Através da compreensão, no tempo, das múltiplas determinações geradas pelas novas necessidades do homem, em sociedade, a história das sociedades se torna completa por revelar seus valores intrínsecos. Procedendo dessa forma, é possível estudar os fenômenos, como o caso do turismo e dos produtos turísticos, tornando-os mais ricos pela busca da sua história, cultura e pela preservação do seu meio natural para que outras gerações possam usufruir.

Concordando com Santo Agostinho quando diz que: “o mundo é um livro. Quem não viaja, só lê uma página”, podemos apreender que o turismo coloca a condição da vivência e da convivência com outras culturas propiciando, aos turistas, o conhecimento e a informação e, aos locais receptores o incremento da economia já que este requer, necessariamente, o contato do homem com o homem e, nesse ponto, a máquina, a robótica, não pode substituir o agente humano (TRIGO, 1998, p. 28).

Faz-se mister entender que, para que a produção e consumo do espaço para e pelo turismo necessita de todos os cuidados que envolve todo o sistema turístico. Que se tenha sempre presente a visão do todo e de sua sistemática para que o produto turístico tenha, antes de mais nada, a sustentabilidade, em todos os seus âmbitos, garantida.

---

<sup>16</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.

V Semi<sup>17</sup>nário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL (SeminTUR)  
**Turismo: Inovações da Pesquisa na América Latina**  
**Universidade de Caxias do Sul, RS, Brasil, 27 e 28 de Junho de 2008**

**REFERÊNCIAS**

BOULLÓN, Roberto. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

CRUZ, Rita de Cássia. **Política de turismo e território**. São Paulo: Contexto, 2001.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

PIRES, Paulo dos Santos. **O potencial turístico dos recursos naturais e da paisagem**. Apostila elaborada como suporte teórico-metodológico para a disciplina Bases Ecológicas do Turismo. Balneário Camboriú, SC: Univali, 2003.

RUSCHMANN, Dóris van de Meene. **Turismo e planejamento sustentável: A proteção do meio ambiente**. Campinas, SP: Papirus, 1997.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1997.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1978.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. São Paulo: Papirus, 1998.

---

<sup>17</sup> Trabalho apresentado ao GT “Abordagem Histórico-Crítica do Turismo” do V Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 27 e 28 de junho de 2008.